

As concepções de passado presentes na consciência histórica de estudantes do curso de História

The conceptions of the past present in the historical consciousness of History students

Las concepciones del pasado presentes en la conciencia histórica de los estudiantes de Historia

Marília Dalla Vecckia Kaczmarek*

Geyso Dongley Germinari**

Resumo: Este artigo analisa as concepções de passado entre acadêmicos do curso de Licenciatura em História, considerando a centralidade desse conceito na epistemologia da ciência histórica e na aprendizagem histórica. Parte-se da compreensão de que os sentidos atribuídos ao passado pelos sujeitos em formação constituem elemento fundamental para a investigação em Educação Histórica. A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada com 43 acadêmicos da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, de diferentes campi. Os dados foram produzidos por meio de questionário estruturado e analisados com base em revisão bibliográfica e na tipologia de passado proposta por Oakeshott (2003), distinguindo passado prático e passado histórico. Os resultados indicam predominância de concepções de passado associadas à anterioridade temporal e à experiência vivida, com menor incidência de compreensões de caráter epistemológico e histórico-reflexivo. Observa-se, ainda, certa heterogeneidade nas respostas, evidenciando diferentes níveis de sistematização conceitual entre os participantes. Conclui-se que, mesmo em etapas avançadas da formação inicial, persistem compreensões pouco articuladas do conceito de passado, o que aponta desafios para a consolidação de uma perspectiva de aprendizagem histórica mais alinhada à Educação Histórica.

Palavras-chave: Educação histórica; aprendizagem histórica; consciência histórica; conceito de passado.

* *Mestra em Educação e em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Brasil. Professora da Rede Municipal de Ensino de Guarapuava, Paraná, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-9699-6142>*

** *Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná, UFPR. Professor da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), campus Irati. Coordenador do Laboratório de Ensino de História (LEHIS-UNICENTRO) e do Grupo de Pesquisa: Educação Histórica: Consciência Histórica e Cultura (CNPq), Paraná, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-4797-7113>*



Abstract: This article analyzes conceptions of the past among undergraduate students enrolled in a History Teacher Education program, considering the centrality of this concept within the epistemology of historical science and historical learning. It is based on the understanding that the meanings attributed to the past by students in initial teacher education constitute a fundamental element for research in History Education. The study adopts a qualitative approach and was conducted with 43 students from the Midwestern Parana State University (UNICENTRO), from different campuses. Data were collected through a structured questionnaire and analyzed based on a literature review and on Oakeshott's (2003) typology of the past, distinguishing between practical past and historical past. The results indicate a predominance of conceptions of the past associated with temporal anteriority and lived experience, with a lower incidence of epistemological and historical-reflective understandings. A certain heterogeneity in the responses is also observed, revealing different levels of conceptual systematization among participants. It is concluded that, even in advanced stages of initial teacher education, underdeveloped and loosely articulated understandings of the concept of the past persist, pointing to challenges in consolidating a perspective of historical learning more closely aligned with History Education.

Keywords: Historical Education; historical Learning; historical consciousness; concept of the past.

Resumen: Este artículo analiza las concepciones del pasado entre estudiantes de pregrado matriculados en un programa de formación de profesores de Historia, considerando la centralidad de este concepto dentro de la epistemología de la ciencia histórica y del aprendizaje histórico. Se parte de la comprensión de que los significados atribuidos al pasado por los estudiantes en formación inicial constituyen un elemento fundamental para la investigación en la Educación Histórica. El estudio adopta un enfoque cualitativo y fue realizado con 43 estudiantes de la Universidad Estadual del Centro-Oeste (UNICENTRO), pertenecientes a diferentes campus. Los datos fueron recolectados mediante un cuestionario estructurado y analizados a partir de una revisión bibliográfica y de la tipología del pasado propuesta por Oakeshott (2003), distinguiendo entre pasado práctico y pasado histórico. Los resultados indican un predominio de concepciones del pasado asociadas a la anterioridad temporal y a la experiencia vivida, con una menor incidencia de comprensiones de carácter epistemológico y reflexivo-histórico. También se observa cierta heterogeneidad en las respuestas, lo que evidencia diferentes niveles de sistematización conceptual entre los participantes. Se concluye que, incluso en etapas avanzadas de la formación inicial docente, persisten comprensiones poco desarrolladas y escasamente articuladas del concepto de pasado, lo que señala desafíos para la consolidación de una perspectiva de aprendizaje histórico más alineada con la Educación Histórica.

Palabras clave: Educación histórica; aprendizaje histórico; conciencia histórica; concepto de pasado.



Introdução

É necessário pontuar que a História é um dos componentes curriculares fundamentais da Educação Básica brasileira e que o professor dessa disciplina atua como mediador de um processo de ensino e aprendizagem específico, cuja finalidade é propiciar aos alunos condições para desenvolverem um senso crítico, por meio de conhecimentos que lhes possibilitem discutir, argumentar e compreender o mundo em diferentes temporalidades. O professor de História ocupa um lugar particular nesse processo porque sua disciplina trabalha diretamente com a interpretação da experiência humana no tempo. Diferentemente de áreas mais voltadas à aplicação técnica ou operacional do conhecimento, a História problematiza narrativas, versões, relações de poder, memória, cultura e ideologia. Nesse sentido, o desenvolvimento do senso crítico está relacionado à capacidade de análise, reflexão, argumentação e posicionamento fundamentado diante da realidade social (Barca, 2006).

Ainda hoje, é possível perceber que a dinâmica do ensino de História na Educação Básica brasileira permanece, em grande medida, orientada pelo cumprimento de metas e conteúdos programáticos vinculados a concepções tradicionais e lineares de ensino. Tal perspectiva, muitas vezes, distancia-se de metodologias que compreendem a História não apenas como ciência, mas também como disciplina escolar dotada de especificidades didáticas próprias, indispensáveis à constituição da aprendizagem histórica. Nesse contexto, torna-se fundamental refletir sobre a formação do professor de História, considerando seu papel na promoção da literacia histórica dos estudantes, entendida como a capacidade de interpretar, compreender e atribuir sentido ao passado e às experiências humanas no tempo.

Para Barca (2006), a Educação Histórica corresponde a um campo de pesquisa voltado à compreensão da aprendizagem histórica no contexto escolar, fundamentando-se principalmente em pressupostos oriundos da epistemologia da História. Diferencia-se, nesse sentido, de abordagens que explicam a aprendizagem apenas a partir de teorias gerais do desenvolvimento psicológico ou de modelos pedagógicos amplos e genéricos, ao buscar compreender as especificidades do pensamento histórico, da consciência histórica e dos processos de construção do conhecimento histórico. Nesta perspectiva alguns processos e ferramentas são considerados fundamentais para que ocorra a aprendizagem histórica e, conseqüentemente, a formação histórica dos sujeitos. Na perspectiva da Educação Histórica, alguns processos e ferramentas específicos são necessários para que a aprendizagem histórica e, logo, a formação histórica aconteça. Entre tais processos e ferramentas está a compreensão de alguns conceitos fundamentais, sendo o de passado um deles.

O passado não é algo estático nem isolado; ao contrário, ele se inscreve no presente e é a partir dessa relação que se torna possível a aprendizagem histórica. Nesse sentido, retoma-se aqui a definição de passado proposta por Michael Oakeshott (2003),



que enfatiza a conexão entre temporalidades. Para o autor, passado, presente e futuro não se apresentam como dimensões separadas, mas como esferas que dialogam continuamente entre si, permitindo compreender o passado como uma construção que se atualiza no presente. Nesse sentido, nossa vida cotidiana se dá no tempo presente, mas é intimamente ligada ao passado e paralelamente, voltada para as perspectivas de futuro (Rüsen, 2010). Essa concepção justifica também o entendimento do autor sobre a história enquanto uma modalidade de investigação da vida humana, uma maneira autônoma de entender as ações, os acontecimentos.

O autor entende que o passado se apresenta de duas formas: o chamado passado prático e o passado histórico. O passado prático pode ser manipulado pela ação dos sujeitos com vistas à realização de objetivos vitais. Trata-se de um passado dado e relativamente estático, compreendido como “o somatório de experiência e que mantém com ele uma relação que independe da rememoração, como na herança genética” (Oakeshott, 2003, p. 13). Já o passado histórico é aquele que possibilita o surgimento do ofício do historiador, bem como a autonomia e a especificidade da ciência histórica. Ele possui caráter subjetivo, pois corresponde a um passado que não sobreviveu materialmente e que, por isso, “não pode ser encontrado, nem escavado, nem recuperado, nem resgatado, mas apenas inferido, questionado, buscado” (Oakeshott, 2003).

Metodologicamente, esta pesquisa caracterizou-se como qualitativa, sendo desenvolvida a partir de revisão bibliográfica na área da Educação Histórica e de pesquisa de campo com aplicação de questionários previamente elaborados. O estudo teve como objetivo geral investigar a concepção de passado presente na consciência histórica de acadêmicos dos anos finais da licenciatura em História. Justifica-se pela compreensão de que o domínio de conceitos históricos fundamentais, como tempo histórico, memória, consciência histórica, mudança, permanência e narrativa histórica, entre outros, constitui elemento essencial tanto para a formação da consciência histórica quanto para o exercício da docência em História, uma vez que tais conceitos estruturam a própria compreensão do passado no pensamento histórico.

A aplicação do questionário aconteceu com alunos matriculados em turmas de terceiro e quarto anos do curso de licenciatura em história na Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, em dois campi e ainda em uma extensão universitária. Participaram da pesquisa 43 graduandos. Foi escolhido o terceiro e quarto anos, inferindo-se que, nessa fase do curso, os participantes já teriam participado de atividades e disciplinas voltadas ao ensino da história e tiveram contato com a teoria da história. O objetivo do questionário era levantar informações sobre a concepção de passado dos acadêmicos de história, bem como sobre a forma como explicariam a ideia de passado para outras pessoas (alunos da educação básica).

Para análise do conteúdo da pesquisa de campo, utilizou-se da tipologia de passado proposta por Oakeshott (2003). Além disso, aborda-se o fato de que o conceito de passado é importante para a construção da epistemologia da ciência histórica e para



a aprendizagem em História. Em outras palavras, significa dizer que o conceito de passado demonstra as variadas formas que esse passado pode ser apresentado para os alunos. Rüsen (2001) endossa a análise, com suas contribuições sobre a aplicabilidade dos conceitos históricos na vida prática.

Diante dessas considerações, torna-se necessário compreender de maneira mais aprofundada os fundamentos teóricos e epistemológicos da Educação Histórica, campo que vem se consolidando como importante referência para as pesquisas sobre ensino e aprendizagem em História. Ao deslocar o foco das abordagens exclusivamente pedagógicas e psicológicas da aprendizagem histórica para a especificidade do conhecimento histórico, a Educação Histórica propõe reflexões sobre a formação da consciência histórica, a construção do pensamento histórico e as formas pelas quais os sujeitos atribuem sentido ao passado em sua vida prática, tendo como base a epistemologia da História. Nesse sentido, a seção seguinte busca discutir a constituição desse campo de pesquisa, seus principais referenciais teóricos e suas contribuições para a compreensão da aprendizagem histórica e da formação docente em História.

A proposta da educação histórica

A Educação Histórica corresponde a um campo de pesquisa que objetiva pensar a aprendizagem histórica no ambiente escolar, pautando-se em pressupostos oriundos da epistemologia da história, diferenciando-se da maioria das outras abordagens que preferem pressupostos psicológicos ou pedagógicos quando investigam processos de aprendizagem escolar.

No Brasil, o ensino de História passou a ser tomado como objeto de pesquisa a partir do final da década de 1970 e início da década de 1980. Posteriormente, a expansão dos cursos de pós-graduação, especialmente a partir da década de 1990, possibilitou a criação de linhas de pesquisa específicas voltadas ao ensino de História, com destaque para a Educação Histórica. Vale apontar que os primeiros trabalhos de Jörn Rüsen foram traduzidos para o português e publicados no Brasil no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, sendo reconhecidos como referência para a Educação Histórica brasileira sobretudo a partir dos anos 2000 (Martins, 2015). Nesse contexto, também ganharam relevância as contribuições de Isabel Barca, cujos estudos acerca da cognição histórica e da literacia histórica se consolidaram como importantes referenciais teóricos para as pesquisas desenvolvidas no campo.

Atualmente, existem revistas, eventos científicos e linhas de pesquisa em programas de pós-graduação dedicados à Educação Histórica. Entre eles, destacam-se periódicos acadêmicos da área de Ensino de História e Educação, bem como eventos nacionais e internacionais voltados ao ensino e à aprendizagem histórica. No contexto brasileiro, também merecem destaque grupos de pesquisa vinculados a universidades

públicas e linhas de investigação em programas de pós-graduação em Educação e Ensino de História, que se ocupam de temas como consciência histórica, cognição histórica situada, formação docente e aprendizagem histórica escolar.

As pesquisas em Educação Histórica, sustentadas nos pressupostos teórico-metodológicos do conhecimento histórico, assumem, na atualidade, um conjunto de enfoques que podem ser resumidos em três núcleos: a) análises sobre ideias de segunda ordem; b) análises relativas às ideias substantivas; c) reflexões sobre o uso do saber histórico (Germinari, 2011, p. 56).

Isabel Barca (2006), ao discutir a aprendizagem histórica, reforça essa perspectiva ao defender que os sujeitos constroem explicações históricas a partir da interpretação de evidências, narrativas e experiências temporalmente situadas, o que exige o desenvolvimento de competências específicas do pensamento histórico.

Uma das inovações no campo das pesquisas sobre ensino de História, na perspectiva da Educação Histórica, é a fundamentação das investigações na Filosofia e na Teoria da História, anunciando um novo paradigma para a natureza das pesquisas acerca da aprendizagem e do ensino de História. Em outras palavras, a Educação Histórica não se configura como uma teoria pedagógica da aprendizagem desse conhecimento, mas sim como um campo de pesquisa que trata do ensino da História a partir de sua própria episteme. Nesse sentido, Barca (2006) argumenta que a aprendizagem histórica não pode ser reduzida à memorização de conteúdos, mas deve envolver a progressiva sofisticação das ideias históricas dos sujeitos, especialmente no que diz respeito à interpretação do passado e à compreensão da multiperspectividade histórica.

Assim, entende-se que existem diferentes maneiras de explicar as relações entre o historiador e a pesquisa em educação e em ensino de História. De partida, tais relações podem ser pensadas tanto quando se toma como objeto de investigação a História da Educação, campo hoje consolidado no Brasil e em muitos países, quanto quando se analisa o percurso das pesquisas acerca do ensino de História, com seus múltiplos objetos e opções metodológicas, como a história do ensino de História, a formação de professores, as práticas escolares e os manuais didáticos, pesquisas realizadas predominantemente por historiadores (Schmidt, 2019, p. 37).

Tais perspectivas dialogam ao destacar a pluralidade de caminhos investigativos que envolvem o ensino de História, seja a partir da História da Educação, seja por meio de pesquisas sobre formação docente, práticas escolares e materiais didáticos. Enquanto Schmidt evidencia a diversidade e a consolidação de diferentes objetos e abordagens no campo, a Educação Histórica, fundamentada na Filosofia e na Teoria da História, propõe um deslocamento epistemológico ao enfatizar a centralidade da natureza do conhecimento histórico na análise do ensino e da aprendizagem. Nessa direção, Isabel Barca ressalta que aprender História implica desenvolver formas específicas de racio-

cínio histórico, capazes de orientar os sujeitos na interpretação da realidade social e temporal.

As possibilidades de abordagem são variadas e, entre as temáticas de pesquisas e estudos na área da Educação Histórica, ganham notoriedade aquelas que se desenvolvem com os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem. Fonseca (2010), ao discutir o percurso do ensino de História no contexto da educação brasileira, destaca que, na contemporaneidade, há ampla produção de debates sobre essa disciplina, construída por diferentes sujeitos, professores da Educação Básica, pesquisadores e autores de materiais didáticos em distintos espaços institucionais, como universidades, institutos de pesquisa e grupos de estudos. Essa multiplicidade tem contribuído para o avanço das discussões e para a formulação de respostas às demandas e problemáticas emergentes do ensino de História.

Em perspectiva convergente, Bittencourt (2009) assinala que as propostas curriculares e metodológicas voltadas ao ensino de História, especialmente nas últimas décadas, estão profundamente vinculadas aos debates instaurados no período pós-ditadura militar no Brasil, momento em que os objetivos da disciplina passaram a ser questionados e os professores começaram a refletir criticamente sobre o sentido de sua prática profissional. Ao mobilizar essas autoras, o presente estudo estabelece diálogo com uma produção acadêmica mais ampla sobre o ensino de História, que não se restringe ao campo específico da Educação Histórica, mas inclui contribuições fundamentais para compreender as transformações históricas, políticas e curriculares que impactam a constituição desse campo investigativo.

Germinari (2014) afirma que as investigações sobre os processos de ensino-aprendizagem histórica vêm sendo desenvolvidas com certa intensidade em alguns países, entre os quais o Brasil, e que, com expressiva diversidade de abordagens e temáticas, os autores brasileiros têm procurado analisar as ideias que os sujeitos apresentam acerca da História em contextos concretos. Em consonância com essa perspectiva, Isabel Barca defende que as ideias históricas dos estudantes devem ser compreendidas como produções cognitivas complexas, construídas socialmente e passíveis de desenvolvimento mediante experiências orientadas de aprendizagem histórica.

Ao assumir o pressuposto da Didática da História como resultado de uma episteme específica, Jörn Rüsen (2001) argumenta que ela possui um modo científico próprio, adequado à aprendizagem histórica, capaz de rebater a visão da disciplina histórica como algo pouco atraente e sem utilidade prática para os estudantes.

As reflexões de Jörn Rüsen, ao trazerem o pressuposto da Didática como a ciência da aprendizagem histórica, sinalizam que a questão central é compreender como o pensamento histórico contribui para orientar, temporalmente, a vida humana para dentro (identidade) e para fora (práxis). Do ponto de vista epistemológico, a Didática da História presta contas com

o processo do aprender a pensar historicamente, ou seja, com realizar a “formação histórica” e isto envolve dois aspectos – vida prática e ciência - organicamente interligados. Numa perspectiva transversal, significa entender o saber histórico como síntese da experiência humana com a sua interpretação para orientação na vida prática; e na horizontal, seria considerar a formação como socialização e individuação (dinâmica da identidade histórica) a partir de sua relação com a ciência (Schmidt, 2014, p. 62).

Nesse sentido, a abordagem da Educação Histórica privilegia a construção do pensamento dos indivíduos a partir dos conceitos da natureza do conhecimento histórico. Isso implica compreender que os sujeitos são ativos perante a História e que esta não constitui um aglomerado linear de fatos, mas um processo interpretativo no qual a relação entre passado, presente e futuro assume centralidade para a orientação da vida prática.

Como abordado anteriormente, a presença do pensamento rüseniano no campo da pesquisa brasileira ampliou significativamente o escopo das investigações em Educação Histórica. Nesse contexto, destacam-se estudos que se dedicam à natureza da Didática da História, problematizando, entre outros aspectos, a necessidade de sua despsicologização e a afirmação de sua especificidade epistemológica. Além disso, observa-se um conjunto expressivo de pesquisas voltadas à análise de materiais didáticos e propostas curriculares, bem como investigações que se debruçam sobre determinados conceitos históricos e sobre os modos de construção da narrativa histórica. Essas diferentes abordagens evidenciam a diversidade temática e teórico-metodológica que caracteriza o campo da Educação Histórica na atualidade.

A chamada “despsicologização da Didática da História” refere-se à crítica de abordagens que explicam a aprendizagem histórica a partir de modelos psicológicos gerais do desenvolvimento cognitivo, muitas vezes desvinculados da especificidade do conhecimento histórico. Nesse sentido, autores do campo da Educação Histórica defendem que o ensino de História não deve ser compreendido apenas por meio de categorias da psicologia da aprendizagem, mas sim a partir da epistemologia da própria História. Ou seja, trata-se de reconhecer que aprender História envolve formas específicas de pensamento histórico, como a compreensão de evidências, a construção de narrativas e a relação entre temporalidades, que não podem ser reduzidas a estágios universais de desenvolvimento cognitivo.

Outras investigações concentram-se nos materiais didáticos e currículos, como o estudo de Vilhena e Schmidt (2022), que analisa desafios epistemológicos do ensino de História a partir da tensão entre didática geral e a perspectiva da matriz disciplinar da História de base rüseniana. Também podem ser citadas pesquisas voltadas à cognição histórica e à análise de conceitos históricos, como os estudos inspirados nos referenciais de Isabel Barca sobre cognição histórica situada e progressão do pensamento histórico, amplamente incorporados às investigações brasileiras sobre apren-

dizagem histórica e formação da consciência histórica. Esses trabalhos evidenciam a diversidade de abordagens presentes no campo, abrangendo desde discussões teórico-epistemológicas até análises empíricas de práticas escolares, materiais didáticos e formas de construção da narrativa histórica no ensino.

O conceito de passado entre acadêmicos da Licenciatura em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

As mudanças pragmáticas da ciência histórica ocorridas nas últimas décadas suscitaram o aparecimento de perspectivas diversas para as pesquisas e para os debates na área. O que resultou no rompimento com a concepção de história elaborada e difundida no século XIX, construída principalmente a partir de interpretações da sociedade europeia industrializada e pautada nos fundamentos do passado estático e da evolução humana. História essa que era resumida como o próprio estudo do passado.

O passado é o do objeto substantivo, no entanto, não se deve confundi-lo ou mesmo reduzir um ao outro, ou seja, considerar que a história trata única e exclusivamente do passado, ou que o passado por si só é a história.

O passado constitui objeto central da investigação histórica e do ensino de História, e que uma teoria da aprendizagem histórica exige a definição dos sentidos atribuídos a esse passado. Nesse sentido, o passado adquire significado na medida em que se relaciona com o presente e contribui para a constituição da consciência histórica, entendida como uma forma de orientação temporal que auxilia os sujeitos a atribuírem sentido às mudanças no agir e no sofrer humano (Rüsen, 2001).

O domínio sobre os conceitos ligados ao fator tempo traz para o indivíduo algumas habilidades, como, por exemplo, o desenvolvimento do pensamento histórico. Para Rüsen (2010, p. 70):

O pensamento histórico só pode assumir sua função nos processos sociais de formação da identidade humana se interpretar a experiência do tempo passado categoricamente, de maneira que essa experiência possa ser inserida no horizonte de referência dos entendimentos mútuos que geram a identidade dos homens.

Logo, o tempo é um elemento essencial para a compreensão da atualidade. Para o historiador inglês Michael Oakeshott (2003) a história é uma experiência complexa, concebida num sistema de eventos passados, num mundo onde partes distintas se relacionam dialogicamente. Ele afirma que, na inferência histórica, não nos deslocamos definitivamente do mundo presente para um mundo passado, este movimento é sempre um movimento dinâmico e que não tira ninguém de seu lugar de origem, ou seja, do presente.

Para o historiador inglês Michael Oakeshott (2003) a história é uma experiência complexa, concebida num sistema de eventos passados, num mundo onde partes distintas se relacionam dialogicamente. Ele afirma que, na inferência histórica, não nos deslocamos definitivamente do mundo presente para um mundo passado, este movimento é sempre um movimento dinâmico e que não tira ninguém de seu lugar de origem, ou seja, do presente.

O mundo para o qual abro meus olhos é inequivocadamente presente. Se me postar numa esquina e descrever para mim mesmo o que percebo, estarei falando comigo no tempo presente. Mas, mesmo para mim, um espectador relativamente despreocupado, esse presente pode ser (e geralmente é) qualificado por uma consciência do futuro, do passado, ou tanto do futuro quanto do passado (Oakeshott, 2003, p. 51).

O autor analisa a relação do presente com o passado numa perspectiva de conexão, onde presente, passado e futuro dialogam. Nesse sentido, nossa vida cotidiana se dá no tempo presente, mas é intimamente ligada ao passado e, paralelamente, voltada para o futuro.

Enquanto classificação, Oakeshott (2003) apresenta o chamado passado prático e o passado histórico. Resumindo, o passado é prático no sentido que se encontra no presente como memória e vestígio, e é histórico quando é elaborado e reconstruído através do trabalho do historiador. O passado que ele denomina de prático pode ser manipulado pela ação humana, é “o somatório de experiência e que mantém com ele uma relação que independe da rememoração, como na herança genética” (Oakeshott, 2003, p. 13).

O autor também afirma que nessa classificação de passado prático estão incluídos os vestígios materiais do passado que servem para contemplação, para utilização ou para o conhecimento.

[...] E nos oferece uma coleção de façanhas supostamente bem conhecidas. Ao aprová-las, reprová-las ou desculpá-las, podemos expor nossas atuais sujeições. Isso revela costumes e práticas que podemos ver com horror, admiração ou indulgência, e assim expressar ou protestar nossa própria virtude. Isso provê relíquias. Ao venerá-las, respeitá-las, depreciá-las ou ridicularizá-las, declaramos nossas próprias disposições (Oakeshott, 2003, p. 65).

Aprofundando-se nas concepções de passado, foi aplicado um questionário previamente elaborado a acadêmicos do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, matriculados entre o 3º e o 4º ano. Buscou-se, a partir desse material empírico, levantar hipóteses acerca de possíveis

categorizações do conceito de passado e de suas diferentes formas de compreensão pelos participantes.

A escolha metodológica pelo questionário semiestruturado correspondeu à necessidade da pesquisa e mostrou-se um instrumento eficaz de recolha de dados para a análise. O questionário levou o nome de “Estudo exploratório da pesquisa: A concepção de passado revelada na consciência histórica de estudantes do curso de história”. Sobre seu conteúdo, o questionário possui 4 (quatro) perguntas dissertativas e um quadro, com 16 afirmações a respeito do conceito de passado, função da história e conteúdo da história para as quais o indivíduo que estivesse respondendo o questionário deveria atribuir uma nota de 0 (zero) a 5 (cinco), a depender de sua concordância com a afirmação.

Sobre as perguntas dissertativas, estas foram:

1. Já cursou disciplinas voltadas ao ensino de história ou participou de programas de formação docente, como PIBID e residência pedagógica?
2. O que é passado para você?
3. Como você explicaria para alguém o que é o passado?
4. Durante uma aula para o ensino fundamental ou ensino médio, qual metodologia você utilizaria para trabalhar a concepção de passado?

Sobre o quadro, as afirmações que o constituíram, foram:

- As tradições são a única forma de orientação da vida prática;
- A história serve para o reconhecimento de nossas origens;
- Os discursos comemorativos, os monumentos, os heróis, são fundamentais para a aprendizagem histórica;
- A história serve para darmos continuidade a modelos passados;
- Baseada no passado, a história oferece aos sujeitos regras atemporais;
- A história pode ensinar os sujeitos por meio de exemplos;
- A consciência histórica origina-se nas regras apresentadas pela história;
- As regras, a moralidade do passado, são facilmente empregadas no presente;
- Os fatos narrados pela história podem ser desconstruídos com o passar do tempo;
- Os modelos históricos podem ser criticados ou negados;

- Uma visão crítica da história leva à negação de modelos universais;
- Os modelos históricos podem ser aceitos e ressignificados, tornando-se cabíveis no presente;
- A mudança não é necessariamente uma negação da história;
- A memória histórica pode representar a experiência da realidade passada como acontecimentos passíveis de mudança;
- Diferentes pontos de vista podem ser aceitos para a compreensão da história¹.

Após o recebimento de todos os questionários respondidos e a organização das informações fornecidas ficou delineado o universo de 43 alunos do curso de licenciatura de História da UNICENTRO. Os questionários foram respondidos no segundo semestre de 2023, nos Campus de Irati e de Santa Cruz e também na extensão de Coronel Vivida.

Os alunos responderam ao questionário em formato físico, durante o horário regular de aula. O número de participantes correspondeu ao total de estudantes presentes em sala no dia previamente acordado com o(a) professor(a) regente para a aplicação do instrumento. Ainda assim, um número reduzido de alunos de cada turma não participou da pesquisa.

Ao todo, foram aplicados 23 questionários aos estudantes do 3º ano das diferentes turmas do curso de História e 20 questionários aos estudantes do 4º ano. Para fins de organização e preservação do anonimato dos participantes, os questionários foram identificados por meio de uma combinação de letras do alfabeto e do ano de curso correspondente, como, por exemplo, A-3º.

Essa discussão foi mobilizada a partir das respostas à questão de número 03 do questionário que solicitava aos participantes que explicassem como compreenderiam o passado, bem como de que modo ele poderia ser identificado ou acessado na vida cotidiana. Nessa direção, observa-se que os estudantes mencionam tanto elementos materiais, como escritos, registros e vestígios, quanto elementos imateriais, como ações, falas, memórias e tradições. Isso pode ser observado na seguinte resposta:

“um recorte temporal que se foi, mas que tem aspectos que ligam diretamente com o presente, como memória, cultura, política entre outros” (QUESTIONÁRIO I-3º).

Na resposta apresentada, memória, cultura e política aparecem como dimensões imateriais do passado, indicando uma compreensão ampliada que articula diferentes formas de acesso ao passado. Dessa forma, evidencia-se a percepção de que o contato com o passado ocorre tanto por meio de registros materiais quanto por meio de ele-

mentos simbólicos e culturais, o que se aproxima da distinção proposta por Oakeshott (2003) entre dimensões práticas e históricas do passado.

Memória, cultura e política também fazem parte do conteúdo imaterial. Na fala dada pelo participante I-3º fica clara também a possibilidade de se entrar em contato com o passado por meio desse conteúdo material e imaterial, ou seja, a possibilidade prática de se ter contato.

O passado histórico enquanto aquele que permite o surgimento do ofício do historiador e a autonomia e especificidade da ciência histórica, de caráter subjetivo e que não poderia ter sobrevivido porque, como não era composto de materialidade, nunca foi, ele próprio, um presente, também é abordado em algumas respostas:

“o passado é uma temporalidade histórica, que remete o tempo já vivido pela humanidade. O passado e sua história é preservado pela memória, seja individual ou coletiva, sendo esta seletiva, preservando ou esquecendo fatos, eventos, narrativas, fontes, afetividades sobre o passado” (QUESTIONÁRIO O-3º).

“de maneira similar, o passado pode ser explicado como uma temporalidade, porém como o presente e o futuro, referindo-se a algo que já passou e foi vivido pelos antepassados, mas que permanece preservado na nossa memória e na investigação histórica” (QUESTIONÁRIO O-3º).

Estas são as respostas dadas por um mesmo participante para a 2ª e para a 3ª perguntas do questionário, as quais aferiam o conceito de passado e a forma de explicar esse conceito a alguém. Nota-se concordância entre as respostas e, além disso, uma lógica entre o entendimento acerca do passado e a forma de explicação sobre ele.

Um passado historicamente entendido é, pois, resultado de um determinado tipo de investigação crítica, própria do trabalho do historiador, e só pode ser encontrado na produção historiográfica. Há também o passado em sentido prático, como denomina Oakeshott (2003), no qual a relação entre passado e presente é compreendida como necessária e lógica para a orientação das ações no presente.

Não se pode esperar de um leigo uma explicação científica acerca da história e de seus objetos típicos, como o tempo e o passado. Da mesma forma, não se deve considerar natural uma conceituação pouco científica e elaborada desses conceitos por parte de um acadêmico de História. Nas respostas do questionário O-3º encontram-se elementos científicos pertinentes à ciência histórica e à educação histórica.

O conhecimento histórico do passado é compreendido como uma construção interpretativa elaborada pelo historiador, constituindo um modo específico de produção de sentido sobre a experiência humana no tempo. Nesse processo, o historiador mobiliza vestígios do passado não para uma reconstrução direta e objetiva do que “foi”, mas

para a elaboração de explicações historicamente situadas. Essa compreensão aparece nas respostas dos participantes, como nas seguintes formulações:

“acontecimentos anteriores a nós, fundamentais a serem estudados para que possamos compreender as atuais estruturas em que vivemos” (QUESTIONÁRIO Y-4º).

“o passado faz parte dos seres humanos, pois com ele aprendemos tudo o que sabemos hoje, o passado sempre vai trazer o conhecimento” (QUESTIONÁRIO A-3º).

As duas definições evidenciam uma concepção de passado marcado pela anterioridade temporal em relação ao presente, mas também pela sua função explicativa, isto é, o passado é mobilizado como elemento que permite compreender o mundo atual. Nessa perspectiva, observa-se uma aproximação entre passado e presente, em que o primeiro ganha sentido a partir de suas implicações na vida contemporânea.

Sob o enfoque da Educação Histórica, percebe-se que aspectos da experiência prática e da elaboração histórica se articulam na forma como os sujeitos atribuem significado ao passado. Trata-se de uma relação em que o passado não é apenas algo distante, mas um elemento interpretativo acionado para orientar a compreensão do presente. Nesse sentido, a consciência histórica dos sujeitos aparece como espaço no qual tais relações são construídas, articulando experiências individuais e coletivas na produção de sentidos sobre o tempo histórico.

Isso não significa dizer que toda a busca feita por explicações no passado, a partir de demandas do presente seja feita, ou necessite da mediação de um historiador, de um cientista da história. Afinal, essa busca está também na individualidade, na consciência histórica de cada um, nas vivências, na particularidade cognitiva social e individual de cada sujeito. Mas a busca científica também influencia as experiências, as perguntas e as respostas obtidas na e por uma individualidade.

Sobre a busca científica por respostas, Oakeshott (2003, p. 14) afirma que “o presente do historiador consiste na sua convivência regular e profissional com os vestígios do passado ou, como ele preferiria dizer, com suas fontes”. Em resposta à pergunta de número 02, a qual questionava o que é o passado, encontramos:

“Passado é a construção que o presente faz do tempo que já passou, tanto por meio da memória quanto por metodologia e teorias próprias do campo da história” (QUESTIONÁRIO H-3º).

“passado é o resquício do tempo que o historiador usa ou não para fazer a história” (QUESTIONÁRIO E-3º).

É interessante notar como na resposta do questionário H-3º a lógica relacional existente entre passado e presente é apresentada. É comum pensar que o presente existe, tal como ele é, por conta do passado. Na resposta dada, o passado é uma construção a partir do presente, invertendo a relação, não o produto final, mas a forma de pensar tal relação.

As afirmações sobre o passado histórico e sobre o historiador como o responsável pela escolha de um objeto, construção discursiva, narração e escrita sobre ele mostram que alguns participantes da pesquisa entendem que o passado pode ser considerado como matéria-prima do trabalho do historiador.

São muitas as ferramentas por meio das quais se pode entrar em contato com o passado. Entre elas estão documentos escritos, fotografias, monumentos, objetos materiais, relatos orais e produções culturais, que funcionam como vestígios das ações humanas ao longo do tempo. Dessa forma, são diversas as maneiras pelas quais o passado pode ser encontrado e interpretado no presente.

Os vestígios que auxiliam a investigação histórica podem ser, por exemplo, “textos que relatam acontecimentos ou situações, mas eles não são jamais neutros, servindo, ademais, a responder às mais diferentes perguntas” (Oakeshott, 2003, p. 17). O autor insiste no caráter inferencial do conhecimento histórico porque a investigação histórica é construída por meio de inferência de vestígios de uma manifestação humana.

“passado seria o que foi moldado ou repassado para o presente de variadas maneiras, seja por tradições ou saberes moldados, que pode, possuir várias formas de interpretações” (QUESTIONÁRIO K-3º).

“passado pode ser o ontem, porém em História diria que o passado é algo/ momento em que algo mudou ou foi pensado de forma diferente, é muito difícil pensar ou dizer o que é o passado principalmente por não ser algo que se possa pegar ou “ver de fato”” (QUESTIONÁRIO C-3º).

Elementos importantes para a história, como narração e memória apareceram em várias respostas.

“passado é algo memorável, onde você vive sua infância, passa para adolescência e deixa sua infância no passado para viver o presente, mas sem esquecer suas “raízes” e lembranças” (QUESTIONÁRIO J-3º)

“passado seria a junção de acontecimentos e memórias que são coletadas sobre o mundo” (QUESTIONÁRIO W-4º).

Volta-se a dizer que a inferência não acontece apenas pelo historiador. E, nesse sentido, o passado enquanto conhecimento científico construído pelo(a) historiador(a) está ligado à preocupação científica com o passado, com a construção do conhecimen-



to histórico. Mas, também há a construção do passado para além da cientificidade, no viés da consciência histórica individual.

De uma maneira elucidativa, Gago (2016, p. 1) aponta que

A consciência histórica é revelada quando nos referimos ao nosso passado e/ou quando nos projetamos no futuro. Neste sentido, compreende-se a consciência histórica como uma experiência consciente e inconsciente de relações significativas do presente com passado(s) e horizontes de expectativa, conjugando-se o cognitivo e o emocional, o empírico e o normativo. Este fazer sentido(s) da experiência de tempo se expressa narrativamente nas suas diversas formas. A narrativa histórica é construída através da interpretação inter cruzada de diversos campos de referência e de carências de orientação.

Essa afirmação tem relação com o uso prático da história e do passado, afinal, a ideia de passado que tem uma função para a organização da vida cotidiana e presente. O passado tem uma utilidade prática para a resolução de problemas por meio da busca de solução em eventos passados, as chamadas demandas, como sugeriu Rüsen (2001).

“partiria de uma relação com quebra-cabeça. Cada peça de quebra-cabeça forma um todo. Ou seja, as peças são vestígios que o passado deixa e montando vamos compreendo o que é o passado, suas próprias questões e o porquê esse todo (montado) vai dizer muito sobre algo, sobre um presente e suas particularidades” (QUESTIONÁRIO B-3º).

A seguir, apresenta-se uma tabela com os termos utilizados nas respostas às perguntas 2 (dois), referente ao conceito de passado, e 3 (três), sobre como os participantes explicariam o passado a alguém.

Tabela 1 - Termos/Frases Relacionadas ao Conceito de Passado.

PALAVRA/ FRASE RELACIONADA AO PASSADO	QUESTIONÁRIOS									
	A-3º	L-4º								
<i>"Trazer conhecimento"</i>	A-3º	L-4º								
<i>"evolução"</i>	A-3º	E-4º								
<i>"revisitado"</i>	B-3º									
<i>"vestígios"</i>	B-3º	B-4º	C-4º	E-4º						
<i>"tempo que passou"</i>	D-3º	F-4º	K-4º	Q-4º	T-4º					
<i>"tempo que se opõem ao presente e futuro"</i>	D-3º									
<i>"resquício"</i>	E-3º	G-3º								
<i>"memória"</i>	H-3º	I-3º	J-3º	O-3º	G-4º	K-4º	P-4º	W-4º	Z-4º	
<i>"fatos"</i>	O-3º	G-4º								
<i>"todo emaranhado de acontecimentos, ações, causas que nos trouxeram até agora."</i>	M-4º	Y-4º	W-4º							
<i>"não é algo que se possa pegar ou ver de fato."</i>	C-3º									
<i>"tempo que antecede o presente."</i>	F-3º	I-3º	Q-3º							
<i>"resultado da investigação do historiador."</i>	F-3º									
<i>"aquilo que já aconteceu."</i>	G-3º	L-4º	M-4º	U-4º	V-4º	X-4º				
<i>"construção que o presente faz do tempo que passou."</i>	H-3º									
<i>"tem aspectos que se ligam diretamente com o presente."</i>	I-3º									
<i>"raízes"</i>	J-3º									
<i>"lembrança"</i>	J-3º	P-4º								
<i>"fonte histórica"</i>	J-3º									
<i>"objeto de conhecimento"</i>	K-3º									
<i>"tradições"</i>	K-3º									
<i>"tudo aquilo que aconteceu, passou."</i>	K-3º	M-3º	O-3º	P-3º	D-4º	G-4º	J-4º	N-4º	T-4º	
<i>"rastros"</i>	Z-4º									
<i>"algo fora do alcance."</i>	N-3º	P-4º								
<i>"temporalidade"</i>	O-3º									
<i>"representações dos acontecimentos que fazem parte da nossa vida."</i>	A-4º									

(Continua)

(Continuação)

PALAVRA/ FRASE RELACIONADA AO PASSADO	QUESTIONÁRIOS								
<i>"sucessão de fatos e experiências que já aconteceram."</i>	B-4º								
<i>"o que está na linha cronológica an- terior ao que vivemos."</i>	C-4º								
<i>"objeto de estudo da história."</i>	C-4º	H-4º	J-4º						
<i>"tudo que foi vivido."</i>	G-4º								
<i>"tudo antes do agora."</i>	I-4º	R-4º							
<i>"influencia o presente."</i>	K-4º	T-4º							
<i>"algo que já ocorreu e deixou mar- cas."</i>	O-4º								
<i>"a base de construção do presente."</i>	S-4º								
<i>"forma de aprendizagem"</i>	S-4º								
<i>"fonte de experiência."</i>	Z-4º								

Fonte: Os autores.

A partir da sistematização dos termos apresentados na TABELA 1, nota-se que em relação à frequência de ideias acerca do passado apresentada na tabela, a maior é de passado como "tudo aquilo que já aconteceu, passou", o qual apareceu em 09 (nove) questionários "memória", a qual apareceu em 9 (nove) questionários, "aquilo que já aconteceu", termo que apareceu em 6 (seis) questionários e "tempo que passou", em 5 (cinco) questionários.

Ainda, observa-se que as respostas concentram-se majoritariamente na compreensão do passado como anterioridade temporal, expressa em formulações como "tudo aquilo que já aconteceu" e "tempo que passou", indicando uma concepção linear e sequencial do tempo histórico. Paralelamente, aparecem também enunciados que associam o passado à memória, à experiência e à aprendizagem, o que sugere uma ampliação de sentido para além da mera cronologia. Em menor frequência, surgem compreensões que situam o passado como objeto de conhecimento histórico, evidenciando aproximações com uma perspectiva mais epistemológica da História. Ainda assim, predominam concepções que articulam o passado como algo já concluído, cuja principal função seria explicar o presente, sem necessariamente explicitar uma relação estruturada entre passado, presente e futuro nos termos da consciência histórica (Rüsen, 2001).

Alguns termos com o mesmo sentido também foram utilizados repetidas vezes, como "tudo que foi vivido", "tudo antes do agora", "algo que já ocorreu e deixou marcas", "tudo aquilo que aconteceu, passou". Essas expressões representam um entendimento de passado calcado na temporalidade, numa contraposição com o presente.

Não evidenciam nem uma ligação entre passado, presente e futuro, mas também não negam.

Termos que evidenciam o caráter científico do conceito de passado também aparecem. Isso é importante, pois significa a afirmação do tempo e do passado como um dos objetos de investigação da ciência histórica. O termo *“objeto de estudo da história”* apareceu em 3 (três) questionários.

“Trazer conhecimento”, termo que apareceu em 2 (dois) questionários, *“objeto de estudo da história”*, o qual apareceu em 3 (três) questionários e *“forma de aprendizagem”*, que apareceu em 1 (um) questionário revelam o passado como fonte de conhecimento.

Termos relacionados a uma forma tradicional de concepção da história e de seus conteúdos específicos também apareceram, *“evolução”*, que apareceu em 2 (dois) questionários e *“o que está na linha cronológica anterior ao que vivemos”* que apareceu em 1 (um) questionário. Essas ideias podem estar associadas à permanência de referências tradicionais no ensino de História, o que sugere a continuidade de determinados modos de compreender o passado ainda presentes na formação escolar dos sujeitos. Nesse sentido, mais do que uma ruptura ou resistência explícita ao novo, os dados indicam a coexistência de diferentes matrizes interpretativas sobre o passado, que refletem trajetórias formativas e experiências escolares diversas.

Algumas ideias que contrariam a proposta de Rüsen (2001) do passado, também apareceram. É o caso de *“algo fora do alcance”* e *“não é algo que se possa pegar ou ver de fato”*. A explicação que apresenta o passado como algo simplesmente anterior ao presente em uma linha cronológica é fundamental para o entendimento inicial da história. Contudo, segundo a Educação Histórica, essa visão é considerada tradicional porque a história não é apenas a soma de fatos passados, mas também a forma como esses fatos são interpretados e ressignificados a partir das questões, valores e perspectivas do presente. Além disso, o conhecimento histórico é produzido e reconstruído continuamente, não é estático.

De modo geral, conforme demonstrado na tabela, foram diversos os termos utilizados pelos participantes para explicar o conceito de passado, não sendo possível identificar um padrão único de resposta ou um consenso conceitual. As respostas revelam não apenas aquilo que os acadêmicos afirmam saber sobre o passado, mas também as concepções de História e de temporalidade construídas ao longo de suas trajetórias pessoais, escolares e acadêmicas.

Nesse contexto, algumas respostas aproximam-se da compreensão do passado como elemento articulado ao presente e ao futuro, evidenciando uma percepção relacional da temporalidade histórica:

“a partir de uma ‘janela’ podemos observar um determinado cenário. Assim também para a história, observar o passado sempre será possível a partir de uma ‘abertura/conexão’ de espaço-tempo, partindo do presente a fim de investigar as realidades possíveis de serem observadas” (QUESTIONÁRIO Q-3º).

Por outro lado, outras respostas demonstram uma concepção mais linear e cronológica do passado:

“o passado é o que está na linha cronológica anterior ao que vivemos: o ontem, o século passado, o milênio. O passado é um dos objetos de estudo da história e é por ele que percebemos os vestígios deixados pelas civilizações” (QUESTIONÁRIO C-4º).

A primeira resposta aproxima-se da compreensão de que o passado é acessado a partir das questões e necessidades do presente, o que dialoga com a perspectiva da Educação Histórica ao reconhecer o caráter interpretativo do conhecimento histórico. Ao mencionar “realidades possíveis de serem observadas”, o participante sugere que o passado não é único, absoluto ou transparente, mas plural e passível de interpretação. Já a segunda resposta evidencia uma compreensão mais tradicional do passado, centrada na sucessão cronológica dos acontecimentos e na delimitação temporal entre passado e presente.

Nesse aspecto, as análises podem ser relacionadas às contribuições de Peter Lee, importante referência no campo da Educação Histórica, especialmente no que se refere à aprendizagem histórica e à construção do pensamento histórico pelos estudantes. Para Lee (2016), a aprendizagem histórica depende da articulação entre conceitos substantivos e conceitos de segunda ordem. Os conceitos substantivos correspondem aos conteúdos específicos da História como Revolução Francesa, escravidão, feudalismo ou ditadura militar, enquanto os conceitos de segunda ordem referem-se às categorias epistemológicas que estruturam o pensamento histórico, como evidência, narrativa, causa, mudança, temporalidade e passado.

Nessa perspectiva, compreender o conceito de passado não significa apenas reconhecê-lo como algo anterior ao presente, mas perceber suas relações com a interpretação histórica, com as evidências e com os processos de atribuição de sentido ao tempo. Assim, a apropriação dos conceitos de segunda ordem torna-se fundamental para o desenvolvimento da consciência histórica e da capacidade de pensar historicamente.

Observa-se que, em quantidade significativa das respostas, o estudo do passado aparece associado à função de orientar ações no presente. Expressões como “compreender o presente” e “entender como era antes e como é agora” demonstram aproximações com a noção de consciência histórica proposta por Jörn Rüsen (2001), segun-

do a qual o passado adquire sentido ao auxiliar os sujeitos na orientação temporal de suas experiências.

Também merece destaque o participante identificado como F-3º, que, tanto na pergunta sobre o conceito de passado quanto na questão referente à forma de explicá-lo, mobilizou elementos importantes para a Educação Histórica, como a interdependência entre passado, presente e futuro, as diferentes formas de organização social ao longo do tempo e a relação entre experiências vivenciadas e aprendizagem histórica.

“O passado pode ser caracterizado como o tempo que antecede o presente, que reflete e influencia a maneira como as sociedades se organizam e as tradições se consolidam. É, também, o resultado da investigação do historiador, que percebe os resquícios do passado no presente e o problematiza” (QUESTIONÁRIO F-3º).

Entretanto, em algumas respostas, a articulação entre passado, presente e futuro não aparece explicitamente, revelando concepções mais estáticas ou distanciadas da temporalidade histórica:

“o passado é um resquício de um tempo que o ser humano deixou para trás” (QUESTIONÁRIO E-3º).

“algo que estará sempre fora de alcance” (QUESTIONÁRIO N-3º).

Em outros casos, o passado foi compreendido como uma experiência subjetiva e relativa, desvinculada de procedimentos próprios da investigação histórica:

“esse passado é o da pessoa, ou é o passado de toda uma comunidade? Acredito que é uma questão, pois o passado depende de cada pessoa e como pode ser entendido” (QUESTIONÁRIO A-4º).

“explicaria através das diferentes concepções de tempo que existem, como a física da relatividade” (QUESTIONÁRIO B-4º).

Tais respostas demonstram dificuldades na mobilização do conceito de passado enquanto conceito de segunda ordem da aprendizagem histórica, especialmente no que se refere à compreensão do passado como construção interpretativa fundamentada em evidências históricas e procedimentos metodológicos específicos da História.

Além disso, algumas respostas não apresentaram elementos relacionados à constituição do passado enquanto objeto do conhecimento histórico ou à sua materialidade por meio de fontes e vestígios:

“um tempo/período que antecedeu o presente, não necessariamente precisa ser distante” (QUESTIONÁRIO I-3º).

“o tempo anterior à existência da pessoa” (QUESTIONÁRIO N-3º).

“é o que passou” (QUESTIONÁRIO P-3º).

Embora tais definições indiquem uma compreensão temporal básica do passado, elas pouco evidenciam aspectos ligados à investigação histórica, à interpretação ou à produção do conhecimento histórico.

Nesse sentido, torna-se relevante retomar as contribuições de Peter Lee (2013) acerca do papel da evidência histórica na aprendizagem da História. Para o autor, a capacidade de pensar historicamente depende da compreensão dos vestígios do passado não apenas como informações prontas, mas como evidências a partir das quais novas questões podem ser formuladas e interpretadas:

“[...] Só quando as crianças compreendem os vestígios do passado como evidência no seu mais profundo sentido — ou seja, como algo que deve ser tratado não como mera informação, mas como algo de onde se possam retirar respostas a questões que nunca se pensou colocar — é que a história se alicerça razoavelmente nas mentes dos alunos enquanto atividade com algumas hipóteses de sucesso” (Lee, 2013, p. 25).

Assim, as respostas dos participantes evidenciam diferentes níveis de elaboração do conceito de passado, variando entre compreensões mais tradicionais, cronológicas e lineares e concepções mais próximas da epistemologia da História e da Educação Histórica. Do total de 43 questionários analisados, em 12 apareceu explicitamente a relação entre passado, presente e futuro, demonstrando que parte dos acadêmicos reconhece a temporalidade histórica como elemento fundamental para a compreensão da experiência humana e para a orientação das ações no presente.

Considerações finais

Tornou-se lugar comum afirmar que a formação do professor e da professora de História se processa ao longo de toda sua vida pessoal e profissional, em diferentes tempos e espaços. Contudo, é necessário considerar que é no momento da formação inicial que os saberes históricos e pedagógicos são sistematizados, articulados e incorporados à prática docente, o que pode influenciar significativamente trajetórias futuras.

Nesse sentido, essa etapa formativa pode atuar como uma propulsão que repercute em condições futuras como a forma de planejamento das aulas, a seleção e abordagem dos conteúdos históricos, o uso de diferentes metodologias de ensino, a capacidade de articulação entre teoria e prática, bem como a postura crítica diante dos documentos curriculares e dos materiais didáticos. Além disso, pode influenciar a in-



serção do professor no campo profissional, suas possibilidades de continuidade formativa em cursos de pós-graduação e a maneira como ele compreende sua função social na escola. Ainda assim, compreende-se, com base nos teóricos que fundamentam as discussões sobre formação docente, que a formação de professores nas universidades brasileiras, as condições de trabalho e a valorização da profissão, mediadas pelas políticas curriculares nacionais, ainda necessitam avançar no sentido de repensar a escola e sua função social no que se refere aos conteúdos e às práticas de ensino.

As discussões desenvolvidas nesta pesquisa permitiram compreender que a Educação Histórica, ao fundamentar-se na epistemologia da História, propõe um deslocamento em relação às abordagens centradas exclusivamente em pressupostos pedagógicos gerais ou em teorias psicológicas da aprendizagem. Mais do que discutir apenas métodos de ensino ou transmissão de conteúdos, essa perspectiva preocupa-se com a forma como os sujeitos constroem sentido histórico, interpretam temporalidades e desenvolvem capacidades de orientação no tempo a partir da relação entre passado, presente e futuro.

Os dados obtidos por meio dos questionários evidenciaram uma diversidade significativa de concepções de passado entre os acadêmicos investigados. Não foi possível identificar uma definição homogênea do conceito, mas algumas tendências tornaram-se recorrentes. A compreensão do passado como “aquilo que já aconteceu”, “tempo que passou” ou “tempo anterior ao presente” apareceu em grande parte das respostas, revelando uma concepção predominantemente cronológica e linear da temporalidade histórica. Em muitos casos, o passado foi entendido como um período encerrado e distante, sem que fossem explicitadas relações mais complexas entre experiência temporal, interpretação histórica e consciência histórica.

Entretanto, as respostas também revelaram aproximações importantes com os pressupostos da Educação Histórica e com as formulações de Jörn Rüsen acerca da consciência histórica. Termos como memória, vestígios, marcas, experiência, narrativa e investigação histórica apareceram de forma recorrente, indicando que parte dos participantes compreende o passado não apenas como um conjunto de acontecimentos concluídos, mas como uma construção interpretativa constantemente ressignificada a partir das demandas do presente. Em algumas respostas, observou-se claramente a percepção de que o passado adquire sentido na medida em que orienta a compreensão da realidade contemporânea e das ações humanas no tempo.

As análises também demonstraram a coexistência de diferentes níveis de elaboração conceitual entre os participantes da pesquisa. Enquanto alguns acadêmicos apresentaram definições mais próximas da epistemologia da História, reconhecendo o caráter narrativo, interpretativo e investigativo do conhecimento histórico, outros restringiram suas explicações a concepções descritivas e lineares do tempo histórico. Esse aspecto evidencia que a apropriação de conceitos de segunda ordem, como passado,



temporalidade, evidência e narrativa histórica, ocorre de maneira desigual durante a formação inicial.

Outro elemento relevante identificado refere-se às dificuldades apresentadas por parte dos licenciandos na transposição didática do conceito de passado para o contexto escolar. Em diversas respostas, mesmo quando havia uma compreensão conceitual mais elaborada acerca da relação entre passado e presente, as explicações sobre como trabalhar esse conceito na Educação Básica mostraram-se metodologicamente limitadas ou pouco desenvolvidas. Tal aspecto indica uma possível dissociação entre o domínio teórico do conceito e sua mobilização pedagógica na prática docente, questão que merece atenção no âmbito da formação de professores.

As respostas analisadas também evidenciaram forte presença de elementos ligados à memória e à experiência cotidiana, aproximando-se da noção de “passado prático” discutida por Michael Oakeshott. O passado apareceu frequentemente associado às vivências individuais, familiares e coletivas, às lembranças e aos vestígios presentes na vida cotidiana. Já o “passado histórico”, entendido como resultado de uma investigação crítica e metodologicamente orientada, apareceu de forma mais consistente nas respostas que mobilizavam elementos ligados à investigação historiográfica, à análise de fontes e à produção do conhecimento histórico.

De modo geral, os resultados da pesquisa indicam que os participantes reconhecem a importância do passado para a compreensão do presente, mas nem sempre conseguem estabelecer relações mais complexas entre passado, presente e futuro ou compreender plenamente o caráter interpretativo e construtivo do conhecimento histórico. Em muitos casos, o passado ainda aparece associado a uma concepção estática, factual ou cronológica, o que demonstra a permanência de perspectivas tradicionais de compreensão da História mesmo entre acadêmicos em fase final da licenciatura.

Dessa forma, a pesquisa aponta para a necessidade de aprofundamento das discussões sobre aprendizagem histórica e consciência histórica nos cursos de formação inicial de professores de História. Mais do que garantir o domínio de conteúdos históricos, torna-se fundamental possibilitar aos futuros docentes a compreensão da especificidade epistemológica da História e o desenvolvimento de estratégias didáticas capazes de favorecer a construção do pensamento histórico pelos estudantes. Assim, compreender o passado como experiência temporal, construção narrativa e elemento de orientação para a vida prática constitui um desafio central para o ensino de História na contemporaneidade.

Referências

- BARCA, Isabel. Educação histórica: uma nova área de investigação. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene (org.). *Ensino de história: múltiplos olhares*. Ijuí: Editora Unijuí, 2006. p. 14-24.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- FONSECA, Selva Guimarães (org.). *O ensino de história na produção das IES mineiras (1993–2008)*. Uberlândia: FAPEMIG, 2010.
- GAGO, Marília. Consciência histórica e narrativa no ensino da História: lições da História...? Ideias de professores e alunos de Portugal. *Revista História Hoje*, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 76–93, jul. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v5i9.239>. Acesso em: 2 set. 2024.
- GERMINARI, Geyso Dongley. Educação histórica: a constituição de um campo de pesquisa. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, v. 11, n. 42, p. 54–70, jun. 2011.
- GERMINARI, Geyso Dongley. *A história da cidade, consciência histórica e identidade de jovens escolarizados*. 2014. 294 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.
- LEE, Peter. Em direção a um conceito de literacia histórica. *Educar em Revista*, Curitiba, p. 131–150, 2013. Número especial.
- LEE, Peter. Literacia histórica e história transformativa. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 60, p. 107–146, abr./jun. 2016.
- MARTINS, Estevão de Rezende. *Teoria e filosofia da história: contribuições para o ensino de história*. Curitiba: W. A. Editores, 2015.
- OAKESHOTT, Michael. *Sobre a História*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.
- RÜSEN, Jörn. Aprendizado histórico. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba: Editora UFPR, 2010. p. 41–49.
- RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- SANTOS, Rita de Cássia Gonçalves Pacheco dos. A significância do passado para professores de história. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/34678>. Acesso em: 2 set. 2024.



SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O historiador e a pesquisa em educação histórica. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 35, n. 74, p. 35–53, mar./abr. 2019. DOI: [10.1590/0104-4060.45981](https://doi.org/10.1590/0104-4060.45981).

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. Cultura histórica e aprendizagem histórica. *Revista NUPEM*, Campo Mourão, v. 6, n. 10, p. 31–50, 2014. DOI: <https://doi.org/10.33871/nupem.v6i10.217>

VILHENA, José Sebastião; SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. O método de ensino da História: um desafio epistemológico e didático para a ciência histórica. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 16, n. 2, p. 255–271, 2023. DOI: [10.22228/rtf.v16i2.1266](https://doi.org/10.22228/rtf.v16i2.1266).

Nota

- 1 Este quadro foi inspirado em material de natureza similar desenvolvido pela pesquisadora Rita de Cássia Gonçalves Pacheco dos Santos (2013).

